

O USO DO *FACEBOOK* COMO PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HABILIDADE INTERATIVA NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DA ESCOLA ROCHA CAVALCANTI EM UNIÃO DOS PALMARES/AL

Herbert Nunes de Almeida Santos
(Instituto Federal de Alagoas/ IFAL. herbertnunes@yahoo.com.br)

A pesquisa analisa como o uso das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) tem contribuído para uma melhor dinâmica do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa e assim propiciado o desenvolvimento de habilidades como o da sociointeração, perspectiva de pensamento do psicólogo Lev Vygotsky (1896-1934), e que hoje são tão defendidas pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Analisamos os métodos tradicionais de ensino aliados ao uso dessas ferramentas diante das várias transformações sociais e políticas inerentes à educação e que têm proporcionado uma ampla discussão pedagógica quanto à formação de novos professores. Acreditamos que este *Boom* tecnológico não surgiu nem para competir entre si nem muito menos com a escola. Há, entretanto, um novo espaço atrativo que tem trazido contribuições importantes na formação de professores visando, especialmente, uma melhor didática no processo de ensino/aprendizagem. Com isso, buscamos a articulação de um projeto que buscou um diálogo científico, cultural e tecnológico, com a prática de leitura e escrita dos alunos da escola estadual Rocha Cavalcanti no município de União dos Palmares-AL. Observamos que existia neste ambiente de ensino um estruturado laboratório de informática com acesso à internet, porém sem uma utilização que direcionasse seus alunos para uma prática de pesquisa e produção textual. Diante desse prognóstico, construímos uma página (ambiente *Facebook*) que se direcionou para a leitura e produção textual dos estudantes. Desta forma, dispomo-nos na tentativa de ampliação de conceitos, teorias e métodos que vêm, historicamente, permeando a Educação no Brasil.

Palavras-chave: leitura, produção textual, tecnologias

Introdução

Falar em novas tecnologias no século XXI é pensar em muitos adventos que têm invadido nossa sociedade, principalmente no ambiente escolar. Silmara Indezeichak (2010) traz uma reflexão importante quando lembra que a escola é a organizadora e certificadora principal do processo de ensino/aprendizagem e que as tecnologias nos têm dado a possibilidade de olhar para vários setores de nossa sociedade como um espaço privilegiado de aprendizagem. Foi esse novo olhar, diferenciado, que nos deu aportes para o projeto em curso. Hoje, esses posicionamentos sobre uma nova era pedagógica, nos fazem tecer um diálogo necessário com importantes teorizações postuladas há algum tempo em nossa história.

Considerado por muitos estudiosos como o filósofo da revolução, o pensador alemão Karl Marx (1818-1883), por exemplo, investigou a mecânica do capitalismo e estimava a superação do sistema pelo o que chamava de a evolução das vertentes pedagógicas. Afirmava que, até então, os filósofos haviam interpretado o mundo de várias maneiras. "Caberia agora transformá-lo".

Coerentemente, em suas pesquisas propunha uma combinação do estudo das ciências humanas com a militância revolucionária, criando assim, reflexões e um inevitável diálogo sobre as várias vertentes pedagógicas comprometidas com a mudança da sociedade. Konder (2014, p. 12) discutiu essas teorizações afirmando que “a educação para Marx, participa do processo de transformação das condições sociais, mas ao mesmo tempo, é condicionada pelo processo”.

Nestas investigações filosóficas, a pesquisa iniciou uma análise a rede social *facebook*, ambiente muito acessado por nossos alunos, como um possível meio de incentivo textual, buscando proporcionar a eles enveredar por este mundo de transformações sociais teorizado por Marx. Este ambiente foi escolhido, por observarmos uma possibilidade de contribuição muito válida e que coaduna com os anseios de evoluções e adequações metodológicas desejadas pela educação, principalmente quando amparado por decretos, leis, estudiosos e pensadores como Marx, os quais propõem ao processo de ensino/aprendizagem meios capazes de realizar uma forma dinâmica e atrativa para com as práticas pedagógicas. Daí surge o anseio de interagir com essas transformações sociais, buscando contribuir na tentativa de, através de adventos tecnológicos como o *facebook*, proporcionar aos pesquisadores mais atentos, teorizações e métodos, numa tentativa de atenuar os embates que há décadas povoam as salas de aula.

Material e métodos

A necessidade de minimizar as dificuldades de aprendizagem na disciplina de língua portuguesa, em especial às produções textuais, direcionou as investigações para uma visão mais intimista, ou seja, a apresentação do projeto e os resultados advindos dele deveriam ser mais diretos e simples, sobretudo pela necessidade de tornar esta etapa inicial atrativa e espontânea. Esta posição didática seguiu este caminho devido aos embates surgidos quando o novo é apresentando como nova prática metodológica.

Ao propor aos alunos a criação da página, discorremos que o resultado dessa construção nos proporcionaria duas investigações mais imediatas: a configuração esteticosemântica do ambiente e as análises dos textos que o configurariam. Isso se daria porque precisava haver uma mediação dos resultados da pesquisa. Com isso, automaticamente, aumentava-se os momentos de relação entre o professor da disciplina com os alunos envolvidos no projeto. Foi percebida uma mudança comportamental bem positiva na sala de aula. Começava-se então dissipar aquela injusta sensação de concorrência que as TIC estavam impondo aos professores, especialmente àqueles que não sabiam lidar pedagogicamente com esses adventos, sobretudo diante dos depoimentos daqueles que

afirmavam que a disciplina de língua portuguesa, muitas vezes, era considerada estagnada em metodologias maçantes.

Coletivamente, a página foi sendo construída, e em suas mediações, propôs-se que tanto os professores quanto os alunos tivessem liberdade e bom senso quanto à inserção de materiais, salvaguardando a autonomia didática do professor em organizar suas aulas e a comunicação com os alunos, sem esquecer que a construção do ambiente também contemplaria uma proposta dinâmica de avaliação da formação do professor envolvido na pesquisa. A esse respeito, Coll e Monereo (2010) lembram que

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de se integrar com as várias tecnologias e procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática. Não se trata de tornar a tarefa padronizada, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar aos alunos a que aprendam melhor (COLL & MONEREO, 2010, p. 317).

Na montagem da página, os alunos deveriam seguir numa perspectiva didática que desaguasse na possibilidade de uma inserção, como já dito, “tecnometodológica” o que reuniria as tecnologias vigentes com a metodologia necessária para que se apreendessem os conteúdos e habilidades exigidas por essa disciplina. Na verdade, surgia ali um desafio mútuo e necessário para as funcionalidades de um novo processo de ensino/aprendizagem. De um lado, os alunos posicionados como autores ativos do conhecimento e do outro os professores que, além de mediadores, posicionavam-se como aprendizes em mais uma etapa de formação, uma realidade que não mais poderia ser ignorada. Assim, os alunos começaram a postar conceituações e metodologias que formavam a grande teia das tecnologias utilizadas por eles. Didaticamente, os textos foram construídos e começava naquele espaço um importante ato de reflexão entre professor e aluno.

Do processo de construção

O primeiro ato da construção foi lembrar que qualquer pesquisa possui um embasamento teórico e alicerça-se em uma literatura, é o que podemos comumente chamar de estratégias pedagógicas inerentes à educação, ou seja, as leituras teóricas, o planejamento didático e, sobretudo a elaboração e aplicação destas pesquisas. A pretensão era causar uma inquietação em nosso ambiente de aprendizagem. Não podíamos objetivar um diálogo entre tecnologia e educação de forma solta ou despropositada, acima de tudo por a educação não se sustentar sem bases didáticas ou com metodologias vagas.

Em seu livro *Aprendizagem e Cultura Digital*, David Buckingham (2007) pontua que os estudantes têm se utilizado das tecnologias mediadas pela *internet* como meros adventos para uma inserção na chamada

“cultura popular”, ou seja, uma busca por redes sociais, jogos, assim como pelos *downloads* e edições de vídeos; conseqüentemente afastam-se do potencial oferecido por essas tecnologias que, indiscutivelmente, podem contribuir para a aprendizagem. Foi estudando estes comportamentos que investigamos metodologias que conseguissem aliar e dinamizar as aulas do ensino médio da Escola Estadual Rocha Cavalcanti, no município de União dos Palmares-AL. Pretendíamos com esse avanço da tecnologia, e pensando no processo de ensino/aprendizagem, criar uma maneira de tornar as aulas mais integradas. Os alunos mantinham com as tecnologias disponíveis na escola uma ligação muito estreita. Por isso que consideramos a construção da página como uma iniciativa pontual de integrá-los academicamente, principalmente por nos utilizarmos da realidade proximal deles. Assim, fizemos com que essa aproximação existente entre a “cultura popular” pontuada por Buckingham (op. cit.) tivesse como resultado construir pedagogicamente metodologias de aprendizagem inerentes aos contextos culturais e tecnológicos dominado por uma geração nativa digitalmente¹.

Outras disciplinas começaram a ser integradas na página, daí, também, surgiu uma nova ideia de criação de uma disciplina intitulada projeto integrador onde seriam reunidas algumas disciplinas do currículo dos alunos do ensino médio. Esse foi um ponto muito positivo para esta etapa de construção porque o projeto ganhava novos adeptos, em especial das temidas disciplinas da área de exatas. Posta essa integração, direcionamos a página para a mediação entre tecnologias e a construção semântico/textual realizadas pelos alunos. Para tanto, apoiamos-nos nas discussões de Valente (2009), que corrobora dizendo:

O computador e o conseqüente uso da *internet* podem ser de grande ajuda nessa tarefa nada fácil, pois será o instrumento que ajudará o professor a propiciar as condições necessárias para os estudantes exercitarem a capacidade de procurar e selecionar informação, resolver problemas e aprender independentemente (VALENTE, 2009, p.25).

Assim, buscar a articulação de um processo educativo que fortalecesse de forma científica, cultural, e, especialmente tecnológica, direcionou as análises numa construção integrada, posicionando-os como aprendentes ativos e multiplicadores do conhecimento.

A rede social *facebook* foi a mediadora desta intervenção, por ser este um ambiente que tem conseguido reunir várias categorias de gênero textual e proporcionado um importante processo de produção de texto. Mas vale lembrar que, quando não orientado, esses alunos têm realizado esses processos filtrando o que mais lhes interessam, como por exemplo, site de compra e venda, vídeos,

¹ Aqui nos apropriamos da categorização *digital native* – “nativo digital” -, feita por Marc Prensky (2004) em seu texto *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB University Press.

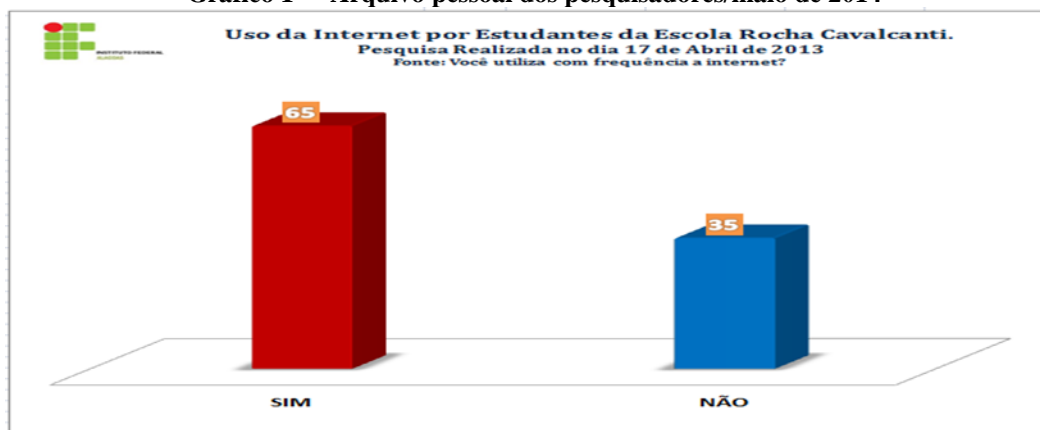
bate-papo e jogos, ou seja, têm se utilizado destes “gêneros²” sem um direcionamento metodológico. Advém daí a necessidade de mediação dos professores no processo. Coll e Monereo (2010) discorrem a esse respeito lembrando que estes nativos digitais provocam o não filtramento das informações relevantes. Preferem recebê-la de forma “crua” e vão separando, através de critérios próprios, o que mais lhes interessa a partir de seleções bem idiossincráticas.

Das intervenções

Buscou-se com essas formas peculiares de atuação diante da *internet* proporcionar aos alunos uma visão ampliada das possibilidades de atuação gramatical. Mesmo sendo esta etapa da pesquisa ainda atrelada a resultados preliminares, direcionamos os conteúdos ministrados em sala fazendo com que os alunos comesçassem uma efetiva prática de pesquisa e produção textual interdisciplinar. Assim, a construção da página visou duas importantes etapas. A primeira de construção e transformação do ambiente num espaço atrativo; e a segunda direcioná-la à produção textual e científica. Nesse aspecto, propusemos reuniões com alunos e professores para a criação do ambiente e que visavam direcionamentos pedagógicos.

Com as ideias filtradas, realizamos questionários que objetivavam analisar os dados de perguntas como: Você utiliza a internet com frequência? O gráfico abaixo nos dá em porcentagem os resultados das respostas dadas:

Gráfico 1 - Arquivo pessoal dos pesquisadores/maio de 2014



Na primeira análise, comprovamos através de dados o que na teoria já deduzíamos, ou seja, a maioria de nossos discentes estavam integrados às transformações tecnológicas e sociais ocorridas

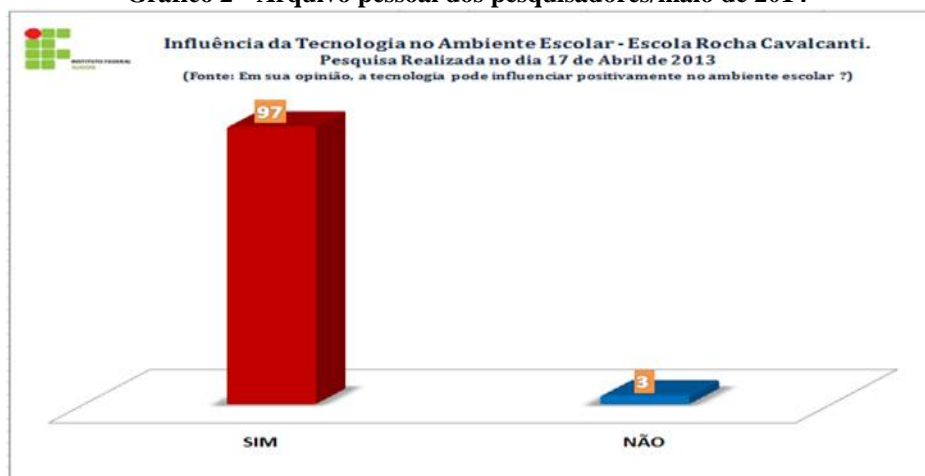
² Há alguns teóricos que entendem que essas categorias são suportes de gêneros, porque neles podem circular diversos gêneros textuais.

nos últimos anos, acima de tudo por estarmos posicionado há algum tempo como um país em crescimento econômico e “antenados” globalmente com outros países da Europa e da América do Norte como, por exemplo, Os Estados Unidos. A este respeito, Bianconcini (2010) versa que

Em um mundo cada vez mais globalizado, utilizar as novas tecnologias de forma integrada ao projeto pedagógico é uma maneira de se aproximar da geração que está nos bancos escolares. [...] a tecnologia não é um enfeite e o professor precisa compreender em quais situações ela efetivamente ajuda no aprendizado dos alunos (BIANCONCINI, Nova Escola, 2010).

Em sua continuidade, a segunda pergunta indagava se *a internet poderia influenciar positivamente no ambiente escolar* e o resultado, mais uma vez, nos direcionou para compor os aspectos centrais que integrariam a página em construção. Vejam os dados:

Gráfico 2 - Arquivo pessoal dos pesquisadores/maio de 2014



O resultado novamente nos deu um norte positivo na construção do ambiente, isso porque tínhamos um grande cuidado com a possível “banalização” que o ambiente poderia assumir, caso não houvesse um interesse por parte de nossos alunos e que, atrelado a isso, poderia culminar no não posicionamento pedagógico e diretivo da página. Por isso que sua construção estava intimamente ligada a uma participação ativa dos professores, pois eles, além de proporcionar as amarras pedagógicas, posicionavam-se também, como aprendentes de um processo que para eles ainda era novo. Com isso, sabendo quais são os reais interesses de seus alunos, eles teriam mais facilidades em preparar aulas que focassem conteúdos que facilitassem a aprendizagem.

Quando nos utilizamos das mídias disponíveis, variamos o método. Não se pode ignorar caminhos e recursos que auxiliem em um processo de aprendizagem mais dinâmico. A percepção da possibilidade de utilização dessas tecnologias midiáticas nos deu margem para proporcionar à

escola mais uma ferramenta que contribuísse para a diminuição de metodologias menos maçantes e mais dinâmicas.

Dos resultados

A página abaixo é o resultado desta primeira etapa da pesquisa.

Figura 1– Página do facebook criada para escola. www.facebook.com.br



Por se tratar de uma pesquisa com novas etapas, ou em curso, as produções textuais resultantes das atividades propostas no ambiente pelos professores ainda não estão sendo analisadas, porém o projeto tem nos proporcionado resultados muito positivos, em especial pela nova visão pedagógica agora adotada pela escola. A coordenação pedagógica tem apoiado a pesquisa, principalmente por ter visto nela um novo aliado para tentar solucionar velhos problemas no tocante à aprendizagem. Enxergamos na construção coletiva desta página o que Silva (2010, p. 5) já discutia quando enfatizava que

As novas tecnologias interativas renovam a relação do usuário com a imagem, com o texto, com o conhecimento. São de fato um novo modo de produção do espaço visual e temporal mediado. Elas permitem o redimensionamento da mensagem, da emissão e da recepção (SILVA, 2010, p.5).

O objetivo de integrar alunos e professores em um diálogo tecnológico e produtivo tem sido alcançado, sobretudo quando se aboliu a postura de meros receptores de conhecimentos para um estágio de aprendentes ativos do processo. Com isso, trouxemos conjuntamente professores e alunos nesta criação. Integrados, os alunos têm se sentindo úteis, especialmente, pois, sendo reais



produtores, estão atuando como leitores e produtores de textos ativos. Silva (2010, p. 18) lembra que esse novo espaço liberta o usuário - aqui chamado de estudante – de uma lógica unívoca. [...] Ele permite a reinvenção das velhas tecnologias informacionais em tecnologias informatizadas, acima de tudo conversacionais, e porque não dizer, pedagógicas.

Figura 2 – Página do facebook criada para escola. www.facebook.com/rocha.cavalcanti.5@facebook.com



Nessa nova teia do hipertexto aliado à prática pedagógica agora temos um aluno mais dinâmico, participativo e essencialmente integrado. Assim:

[...] Ele democratiza a relação do indivíduo com a informação, permitindo que ele ultrapasse a condição de consumidor, de espectador passivo, para a condição de sujeito operativo, participativo e criativo (SILVA, 2010, p. 180).

Os resultados da pesquisa obtidos até o momento inferem que tem havido uma maior integração dos alunos. Eles se sentem aprendizes/ativos, pois visualizam no projeto a centralidade que a educação possui em suas formações. Não há mais uma formação sem direcionamento, sem sentido. O ensino/aprendizagem assim, passa a ter uma importância, especialmente de propagação agora mais efetiva do que foi apreendido, ou seja, tem mais sentido e praticidade pedagógica.

A página tem sido gerenciada pelos alunos/pesquisadores e pelo professor orientador da pesquisa. As postagens têm sido frequentes tanto por parte do professor quanto pelos alunos. Ela também tem sido utilizada como um meio de comunicação administrativa, por exemplo, falta de energia na escola, problemas com a chuva ou mesmo questões inerentes à secretaria municipal de educação. Muitas têm sido as postagens com conteúdos pertinentes à educação: questões gramaticais, cálculos e fórmulas interativas de disciplinas das áreas de exatas, assim como

endereços de sites que disponibilizam vídeos gratuitos das mais variadas disciplinas. No ambiente, também tem sido postado jogos que estimulam o aluno no desenvolvimento da escrita, eventos e congressos estudantis, assim proporcionando à comunidade escolar, experiências educativas e tecnológicas antes impraticadas na rede.

Infere-se ainda que a pesquisa ganha relevância quando da tentativa de contribuição com a educação. Não mais se valida um processo de ensino/aprendizagem que não seja voltado na/e/ para a sociedade. São essas experimentações que fortalecem uma melhor absorção de conteúdos. As transformações sociais não podem ser ignoradas, principalmente diante de adventos tão significativos. E, em nossa visão, os alunos reagiram positivamente quando da utilização das tecnologias, essencialmente por estarem atreladas as suas realidades. Contudo, a pesquisa também alerta que devemos deixar para trás a ideia político-pedagógica da mera “recepção”, pois o que realmente deve ser pregado é uma educação que consiga acoplar alunos receptores em efetivos produtores e propagadores de um conhecimento surgido neste século com uma nova perspectiva: a de alunos críticos-participativos contrapondo-se aos passivo-receptivos; e daí advém a necessidade de formações para professores mais direcionadas e que estejam associadas frequentemente aos processos metodológicos e didáticos emergentes e que estejam próximos de nossos alunos.

Integrando as tecnologias à educação, acreditamos que vem sendo desenvolvido um processo de interdisciplinaridade importante e que tem buscado nas vivências de pesquisa e práticas experimentadas na sala de aula pelos professores, contribuir com as necessidades inerentes às suas formações e à construção de seus projetos político-pedagógicos, uma vez que, historicamente, como relata Pietrocola (2003, p 20) os currículos e a formação docente encontram-se ancorados em paradigmas disciplinares.

Conclusões

A nossa contribuição baseou-se na tentativa pedagógica do modelo alternativo tão presente e inerente aos processos educacionais e que nunca podem ser estáticos. A escola constantemente vive buscando alternativas que minimizem as crises surgidas no sistema educacional brasileiro e acreditamos que, as observações postas nesta pesquisa, também seguem a linha de pensamento de que o ato de fazer e refazer nossas práticas pedagógicas são importantes para desenvolvermos métodos capazes de sanar alguns dos entraves da educação brasileira.

Paulo Freire (2000) propunha uma pedagogia da autonomia na medida em que sua proposta estivesse "fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando" (FREIRE,

2000, p. 11). Quando propusemos o projeto a escola Rocha Cavalcanti, esperávamos esta autonomia pontuada por Freire. Para isso foi preciso enfatizar que a autonomia mencionada deveria ser conquistada coletivamente, especialmente através das decisões, das vivências e da liberdade de poder contribuir com o processo educativo. Assim, embora a autonomia indubitavelmente seja um atributo essencial humano, na medida em que está vinculada à ideia de dignidade, ressaltamos que ninguém é essencialmente autônomo, ela é uma conquista que deve ser realizada. E é por isso que a educação deve proporcionar contextos formativos que sejam adequados para que os educandos possam se fazer autônomos.

Assim, pontuamos que o processo de ensino/aprendizagem será sempre conscientizador visando, essencialmente uma prática pedagógica inovadora e norteada pela integração acadêmica. E essa tem sido nossa tarefa enquanto pesquisadores. Tentar trazer um “novo” olhar para além dos muros da escola. Tentando, assim, colaborar de forma eficaz para uma educação muito mais integrada e dinamizada.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. <http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/entrevista-pesquisadora-puc-sp-tecnologia-sala-aula-568012.shtml?page>. Acessado em abril de 2014.

Artigo Faculdades de educação, disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vida,artigo-faculdades-de-educacao-correm-atras-do-proprio-rabo,1154371,0.htm>: Acesso em: 30/04/2014.

_____. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3 ed. São Paulo: Paullina, 2007 p. 162-166. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm: Acesso em: 30/04/2014.

BUCKINGHAM, David. **Aprendizagem e Cultura digital**. Pátio, Porto Alegre: Artmed, 2007.

COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MONEREO, C.; POZO, J.I. **O aluno em ambientes virtuais**: condições, perfil e competências. In: COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 97-117.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

INDEZEICHAK, Silmara. **A linguagem na internet**. Goiás: UEPG, 2010.

KONDER, Leandro. **Entrevista à revista Escola**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/karl-marx-filosofo-revolucao-428135.shtml>. Acesso em: 10 novembro. 2014.

MARX, K. **Salário, preço e lucro**. In: CIVITA, V. (Ed.). Os pensadores: Karl Marx. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.63-105.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e Mediação pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papiro, 2000.

PIETROCOLA, M.; PINHO ALVES, J. e PINHEIRO, T. F. Prática interdisciplinar na formação disciplinar de professores de ciências. In: Investigações em ensino de ciências, vol.8, n.2, 2003.

PINHEIRO, Patrícia Peck. **Boas práticas legais no uso da tecnologia dentro e fora da sala de aula**. São Paulo, 2007.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2004. Disponível: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

SILVA, Marcos. **Sala de aula interativa**. São Paulo: Loyola, 2010.

VALENTE, José Armando. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP, 2009.

ZYLBERSZTAJN, Moisés. **Blog no papel**. Paraná, Ed. Melo, 2011.